

ORGANIZADORES

ADAILSON COSTA

LIU MOREIRA



GRACA VELOSO

Universidade de Brasília
Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas - CEN/IDA

CARTAS DE MINH'ALMA

**Organizadores: Jorge das Graças Veloso, Adailson Costa
dos Santos, Liubiana Silva Moreira Siqueira**



UnB

Brasília-DF

2025

© 2025 Jorge Das Graças Veloso, Adailson Costa dos Santos, Liubliana Silva Moreira Siqueira.

Licença creative commons:



1ª edição

Universidade de Brasília

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGCEN/IdA/UnB

Campus Universitário Darcy Ribeiro, Complexo das Artes, Bloco A Sala A1

CEP: 70.910-900, Asa Norte, Brasília-DF, Brasil Contato: (61) 3107-6134

Site: www.ppgcen.unb.br

E-mail: secretariapgcen@unb.br

FICHA TÉCNICA

Organizadores: Jorge das Graças Veloso, Adailson Costa dos Santos, Liubliana Silva Moreira Siqueira.

Revisão: Christina Velho

Projeto Gráfico e Diagramação: Djanine Denise de Miguel Silva

Editora: Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGCEN/IdA/UnB

Bordados e capa: Maria Oliveira Villar de Queiroz

Fotografias: Pardal

Finalização de capa: Djanine Denise de Miguel Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

C322 Cartas de minh'alma [recurso eletrônico] /
 organizadores: Jorge das Graças Veloso, Adailson
 Costa dos Santos, Liubliana Silva Moreira
 Siqueira. – Brasília : Universidade de Brasília,
 Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas,
 2025.
 177 p. : il.

Modo de acesso: World Wide Web.
ISBN 978-65-88507-12-4.

1. Artes cênicas. 2. Cartas. I. Veloso, Jorge
das Graças (org.). II. Santos, Adailson Costa dos
(org.). III. Siqueira, Liubliana Silva Moreira
(org.).

CDU 792

memória afeto escuta diferença foco persistência
chegada despedida pertencer acalmar
trabalidade amor espaço tempo escreve
artistaagem teatro
ngição p
nto chega
estralidade amor
artistaagem pedagogia
rgia teatro dança circo criança
te memória afeto escuta diferença
ngição planetária cura pers
despedida pertencer
tempo

CARTAS DE MINH' ALMA

AMIGA LEITORA E AMIGO LEITOR

Gostaria de te convidar para um passeio. Um caminho que te levará para lugares bem pessoais de cada um dos autores deste livro. Nossa intenção aqui nunca foi fundar conceitos, problematizar teorias e inventar tratados. É tudo muito mais simples e acolhedor, como uma conversa entre amigos no fim da tarde com uma xícara de café. Aqui queremos dizer quem somos. Aqui você verá cicatrizes, feridas abertas, sucessos, dúvidas, angústias, incertezas. Aqui você entenderá nossos dois principais propósitos. O primeiro é aceitar como é delicado e gentil o exercício de se perceber no passado e compreender como sua pesquisa foi se desenvolvendo. Isso nos ajuda a respeitar nossos processos e sermos gentis com nossos avanços que muitas vezes não enxergamos. O segundo propósito é postular a respeito da importância de nos colocarmos enquanto potências afetivas em nossos trabalhos. Somos seres pensantes, mas somos também seres moventes, sofrentes, delirantes e delicados. Um salve à magia de reconhecer que estamos inteiros presentes em nossas pesquisas, no mais íntimo do que somos.

Então pegue algo para beber e sente-se com cada um de nós para conversar.

Um abraço.

Graça Veloso
Adailson Costa
Liubliana Moreira

SUMÁRIO

GRACA
VELOSO

8

ADAILSON
COSTA

20

LIUBLIANA
MOREIRA

34

52

ADA
LUANA

ADRIANA
LODI

64

76

BARBARA
BENATTI

DANILO
MOTA
LINO NILO

102

BELISTER
ROCHA

88

GABRIEL
GOELHO

130

DEBÓRA
VIEIRA

118

KLEBER
BUENO

142

LUCIANA
GRESTA

154

MARIA
VILLAR

168

*“Envergonhado,
escondido, chorei...”*

Graça

*“Você tem minha
admiração sabia?”*

Adailson

*“Na incerteza crie!
‘Pausa’”*

Liu

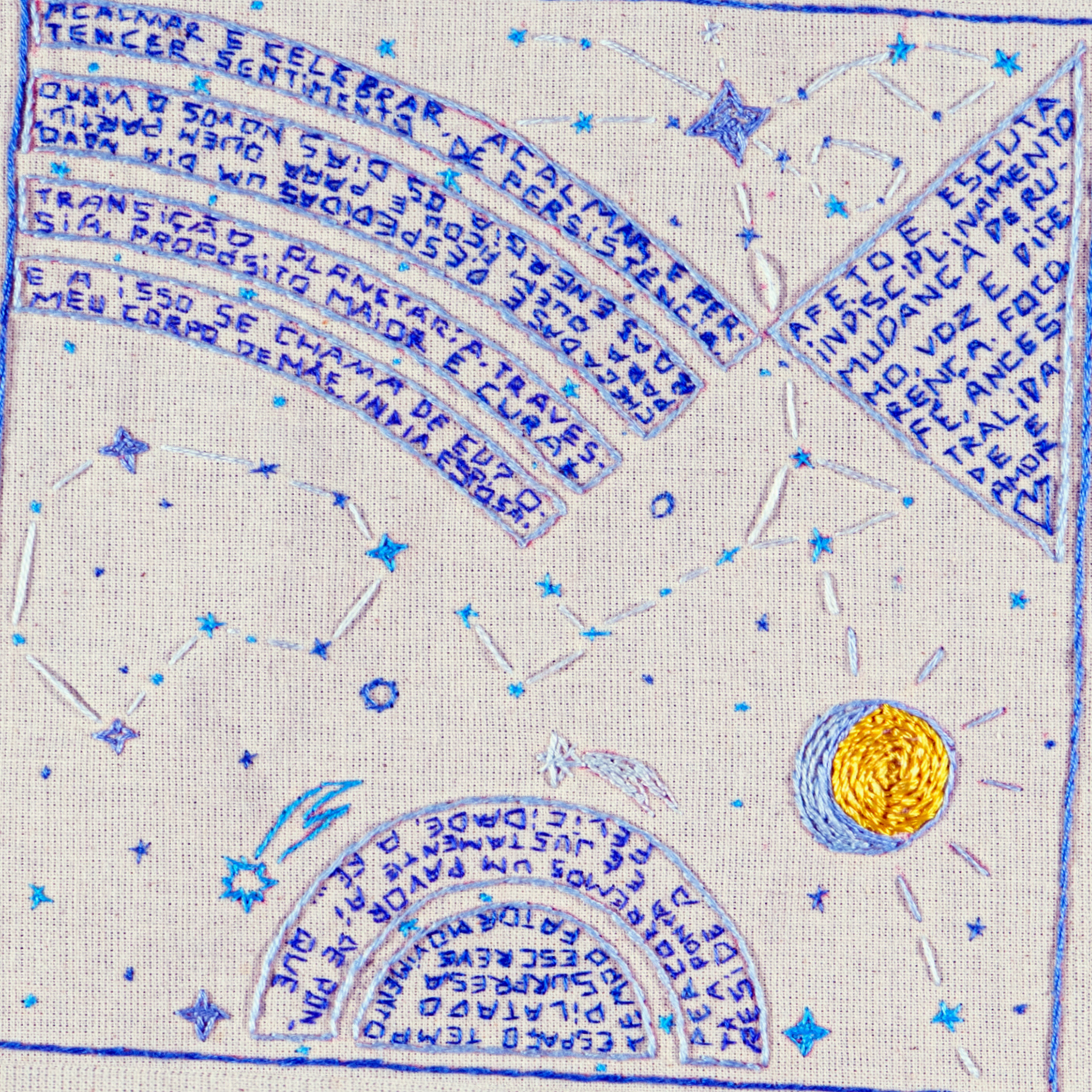
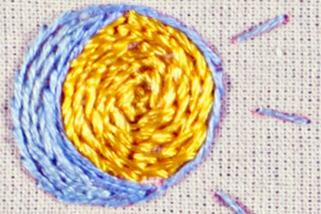
REALMAR E CELEBRAR
TENCER SENTIMENTOS

DE ALMAS E PER-
DE PERSISTENCIA
DESPEDIR E HEDER
SIA, PROPOSITO MAIOR E CURA

TRANSICAO PLANETARIA TRAVES
E A ISSO SE CHAMA DE EUPO
MEU CORPO DE MAE INFLUENCIA

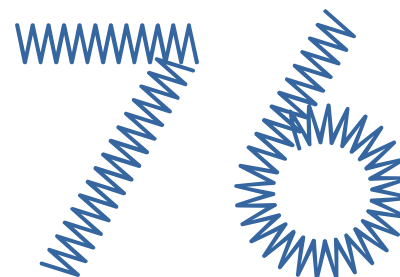
ESCLUTA
DISCIPLINA PERU-
VON ECOLI
MUDANCA ANCELA
TRABALHO
TAR

ESPAO TEMPO
DILATADO
ESCREVA
FORREMO UN PAVOR DE
JUSTAMENTE
PARA



BARBARA DUARTE BENATTI

Geminiana com lua e ascendente em capricórnio, mercúrio em gêmeos. Feminista, mãe solo do Gustavo e Murilo. Aprendendo a tocar Zabumba e congelando comida semanalmente para dar conta do rojão. Tem formação acadêmica e profissional que condizem com o elemento do seu signo: ar, movimento, transitando aqui e acolá. Graduada em Administração com ênfase em Hotelaria pelo Instituto de Educação Superior de Brasília - IESB (2005), licenciada em Educação Artística: Artes Cênicas, pela Universidade de Brasília (2008), Especialista em Hotelaria Hospitalar, pelo Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília - CET (2009), dando desenvolvimento a pesquisa iniciada na graduação, ampliando o repertório sobre a inclusão das artes nos serviços hospitalares, colaborando no processo de recuperação. Mestra em Artes Cênicas em 2017. A dissertação explorou o teatro de bonecos do Mamulengo e a inclusão das mulheres, ressignificando a brincadeira. O trabalho foi selecionado como melhor dissertação na área de lingüística, letras e artes junto ao prêmio UnB de dissertação e tese do ano de 2017. Atualmente é doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas na UnB na linha de pesquisa Cultura e Saberes em Artes Cênicas. E desde 2012 atua como Tutora do curso de Teatro na Universidade Aberta do Brasil.



HISTÓRIAS DE QUEM FALA CONSIGO

Brasília, 05 de dezembro de 2020

Boa tarde, Barbara,

Você consegue abrir os poros, ouvidos e ter atenção para me ouvir? Mas ouvir de verdade, sem duvidar, só confiar que estou aqui para cuidar de nós duas. Pobre mulher, junto com a jornada acadêmica você se lançou ao autoconhecimento. Foi até cunhando termo: Mamulengo Terapia! Sim, porque foi por meio da pesquisa do Mamulengo que você se lançou na defesa dos feminismos¹. Por meio das trocas com a mamulengueira Cida Lopes, você buscou o autoconhecimento. A parte engraçada é saber que você, pobrezinha, pensava que autoconhecimento dizia respeito a queimar incenso e ouvir Enya. Depois foi logo buscando a Astrologia Tradicional para se entender. E não entende nem uma, nem outra.

Então Barbara, sabemos que a sua dissertação de Mestrado foi uma catarse por todos os atravessamentos que a ida ao campo te trouxe, por todas as leituras que ressoam dentro de você. Pois bem, em agosto de 2017 você defendeu o Mestrado, ficou feliz e realizada. No ano seguinte, em julho de 2018 seu ex-marido, pai dos seus filhos, se mudou definitivamente para o Estado do Pará, e seu mundo ruiu. De repente ser mãe e cuidar de dois meninos, passou a exigir ainda mais de você. Para você, uma simples ida ao dentista, virou uma mega operação da disponibilidade de agenda das avós. E você de novo, parou de cuidar de si. Não tinha tempo. Não lembrava, porque a prioridade não era você, e sim os meninos. Desculpa, Barbara além da falta de tempo, eu fico te atormentado fazendo você temer pela sua jornada acadêmica e profissional. Não dá para viver de pensão alimentícia, você precisa trabalhar e conquistar algo melhor. Eu vivo te falando isso.

Acho que estava quase arrogante, o tamanho da sua autoconfiança. Você estava achando

1 RAGO, Margareth. A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Unicamp, 2013.

que com o título de Mestre, teria mais oportunidades de trabalho, que poderia por exemplo, trabalhar na mesma cidade que reside. Distribuiu tantos currículos e chegou a se preocupar com possíveis choques de horário. Mais do que isso, você estava confiando em um aumento de salário, já que além do tempo atuando na mesma empresa, houve um investimento na sua própria formação. Passou de professora Especialista, para professora Mestre. De fato, depois que você terminou o mestrado a sua hora-aula aumentou, mas seu empregador diminuiu a sua carga horária, exatamente por isso: você se tornou uma mão de obra cara e qualificada. Para a iniciativa privada isso é um problema. Não exatamente um problema, na verdade um detalhe dispensável, que só fica interessante durante visitas do MEC. Foi até engraçado te ver como figurante, sendo colocada em cursos que você nunca lecionou, como “Estética e Cosmética.”

A partir daí comecei a agir com mais intensidade. Gostava de te acordar às 3 horas da madrugada, fazia você se remoer: muita raiva e às vezes choro. Mas uma coisa que tentei te fazer entender é que não dá mais para trabalhar neste regime de viver com medo de ser demitida e essa frase cantando na cabeça: “manda quem pode, obedece quem tem juízo.” Você precisa ir além, por você e pelos seus filhos. Entende agora por que a sua pesquisa e sua jornada acadêmica precisam seguir adiante? Você é uma mulher que pesquisa sobre mulheres brincantes. As opressões que você sente, também dizem respeito às outras mulheres e você irá perceber que elas vivenciam outras a mais.

Desde do término da dissertação, continuamos em diálogo com a Cida Lopes. Ela para de te perguntar: “e o doutorado, quando vai ser?” Então, vamos! Um, dó, lá, si e já. Vamos para o 1º semestre do ano 2019 nos deparar com o processo seletivo do PPG-CEN.

Você sabia que não era só ir lá na Universidade e fazer a matrícula. Mas você não imaginava que seria uma tortura participar de um processo seletivo muito difícil, que te exigia tempo (algo tão caro para você), preparo e dinheiro para investir.

De novo vem a necessidade de ter a habilidade de planejamento e organização do tempo. Tempo para conseguir preparar ser professora e preparar as aulas, tempo para as demandas dos meninos, tempo para a casa, tempo para escrever um bom projeto

e tempo para estudar. Era sobre tempo, também conhecimento e acesso a bibliografia mais diversificada, que um programa poderia pensar em exigir. E a proficiência em dois idiomas. Não só isso, precisa dos certificados de proficiência. Nessas exigências todas, ainda veio o fator inesperado: a sua soberba fez você achar que era só pagar o exame de proficiência e ir fazer a prova. Contando que iria acertar, mas depois de alguns testes na internet você percebeu que não *hablava* tão bem assim. Mas calma garota, vamos pedir para a mamãe e o papai pagarem o cursinho para estudar e se preparar para o exame de proficiência. *Vamos niña, es hora de aprender a hablar español. Cree en ti misma, habrá tiempo e lo lograrás.*

Pronto, Barbara. Passamos, não é?! No primeiro semestre vou te falar para investir pesado na Aromaterapia e nas Ervas Medicinais. Óleo essencial de Alecrim Cineol para conseguir ler todos os materiais da professora Luciana Hartmann. Óleo essencial de Lavanda, para ativar o poder da paciência para enfrentar diariamente os engarrafamentos da Estrada Parque Taguatinga (EPTG). Cápsulas de Ginseng para sair da Universidade de Brasília correndo a tempo de buscar os filhos na escola, ir para casa e fazer o almoço. Vamos adquirir uma habilidade maravilhosa: congelar comida previamente, e limpar a casa rapidamente com mopp. Vamos fingir que faxina é aula de Pilates. Este semestre será como um sopro, vai passar tão rápido, e nosso coração explode de amor com a nossa turma de Doutorado. Somos amigos, amigas e parceiros de jornada. Temos certeza que é para a vida toda e isso nos dá uma grande segurança: você não está sozinha, Barbara. Eles também têm demandas, medos, incertezas igual você.

Mas sabe, o que você não sabia era o que estava por vir no ano de 2020. O ano começou em janeiro pegando fogo nas florestas da Austrália. Em fevereiro? Jorge Benjor diria: “Tem Carnaval!” Teve, mas o que mais impactou foi que em fevereiro, fomos demitidas. Após 11 anos trabalhando na mesma IES, demitidas por ter muito tempo de casa e a hora-aula ser muito alta. E foi uma demissão ruim de engolir, porque quem queria sair, era você. Só que você não tinha coragem de chutar o balde. Pensa pelo lado positivo, com a demissão você recebe o FGTS, seguro-desemprego e poderá dizer que no Doutorado, mesmo sendo mentira, a dedicação será exclusiva. Faz de conta que é exclusiva, mas a gente sabe que é uma dedicação partilhada. Mas vai, garota. Aproveita a raiva, chuta o balde, apaga os contatos dos ex-colegas de trabalho, apague essa pasta de arquivos de

conteúdo sobre Teoria Geral da Administração, isso, isso, vai garota! Apaga essa pasta de Propaganda e Publicidade, confia em mim: você não vai dar mais aula nesses campos. Essa porta fechou, pronto. Acabou. Nem precisa se desesperar porque no mês seguinte irá surgir a bolsa da CAPES.

Vamos seguir conversando intensamente com a Cida, vai ser essa mulher guerreira que irá nos fazer entender os significados das palavras: resiliência e resignação. Por isso que você brinca com a ideia de “Mamulengo Terapia” a pesquisa é terapêutica, conversar é terapêutico, ouvir é terapêutico e tudo mais que o campo de ensina.

Cida Lopes continua nos ensinando tanto. Nos ensina a ter força, nos ensina a ter coragem e nos ensina seguir adiante, com todas as adversidades, sem olhar para trás.

Você achava que o autoconhecimento era como um interruptor, que seria em um clic que tomaria consciência de você mesma. Que você refletiria sobre os seus atravessamentos, sobre seus tombos, sobre cada vez que você seguiu um caminho sem me ouvir, a sua intuição. Aliás, intuição ainda é uma coisa difícil de você ouvir, você acha que é paranoia.

Se o mês de fevereiro estava pesado, você ainda não sabia o que estava por vir. No dia 12 de março soubemos do Decreto do Governador de Brasília, Ibanês Rocha, sobre o isolamento social. A medida estabelecia a suspensão das aulas em escolas e faculdades, públicas e privadas e a realização de eventos, de qualquer natureza. Sessões de cinema, espetáculos teatrais, shows, exposições, imagine por exemplo o setor cultural, que depende de aglomeração, de atividades coletivas e com o decreto instituído, estão proibidos. E o Mamulengo, então?! Essa brincadeira que acontece nas praças, nas feiras, que congrega gente. Todo mundo foi para a Internet.

Desde então você está em casa com seus filhos e eu com você, pensando, refletindo e fazendo você perder o sono. Porque esse é o meu papel enquanto a sua consciência ou intuição, ou paranoia, como você gosta de me chamar.

A Covid-19 chegou como um novo vírus, em que praticamente toda a população mundial é suscetível à infecção. Impactante encerrar o ano e o nosso Brasil somar mais de 170 mil mortes.

Mas vamos tentar desanuviar. Durante a quarentena assistimos no Netflix a série alemã Dark. Temos pensado que explica tudo, inclusive foi a forma rápida que você acha que leu Allan Kardec, mesmo sem ler. Temos certeza que entendemos o kardecismo a partir do paradoxo viagem no tempo, provas e expiações. Parece que isso está entalado na nossa garganta. Daquela epifania terapêutica de querer indicar para todo mundo assistir, querer escrever sobre mais para firmar o que entendemos. Ao contrário do que dizem, Dark não é uma série sobre viagem no tempo. Na segunda temporada da série a abertura é uma tela escura, com as letras em amarelo e uma citação a Friedrich Nietzsche: “*Quando você olha muito tempo para o abismo, o abismo olha para você.*”

Frio na barriga, você sentiu e eu falei com você, assoprei no seu ouvido e te inquietei. E você achou que fosse paranoia! É sobre a regência do Sol no ano de 2020. O Sol entra para revelar as sombras. Aquilo que está empoeirado atrás do móvel que nunca arrastamos para limpar. Sombras. Aqueles pequenos e mesquinhos pensamentos que se revelam antes de dormir, o danado do Ego. Mais ainda, o que entendemos de Dark é que estamos vivendo no Planeta de “Provas e Expições”.

Sim, Barbara, finalmente entendemos expiações como: vivenciá-las, ou seja, passar por elas, sofrer suas consequências para transmutá-las e por fim, regenerá-las.

O protagonista da série, Jonas, segue numa jornada quase que obstinada por controle. Hannah, outra personagem que nos chamou atenção, em todas as suas viagens pelo tempo só queria ser amada. Ela achava que o amor vinha de um outro. Dark nos fez refletir muito sobre o sentido das coisas, sobre as relações e sobre nossas conexões.

Os personagens, e as relações que estabelecem, fez com que você entendesse que o outro não existe. Não importava o que faziam uns com os outros, a responsabilidade era de cada um.

Vivemos neste Planeta, um verdadeiro Jardim de Infância, como retratado no livro infantil *Pingo de Luz*, da autora Gislaíne Maria Assumpção (1989). Você leu esse livro fantástico mais para você mesma do que para os meninos. Imagine, um livro infantil que fala do aspecto emocional, psicológico e espiritual da vida e da morte? Numa linguagem simples, são tratados temas como: regressão, perdas, confronto com a morte, transcendência e o sentido da vida. Ali, você entendeu que vive no Jardim de Infância, está aqui para aprender.

O Planeta Terra está se movimentando, se transformando no Planeta de Regeneração. Muita coisa precisa se regenerar em todos os níveis. Imagine que somos como diamantes preciosos, para manifestar nossas preciosidades, precisamos lapidar nossas impurezas. E por impurezas finalmente entendemos as vibrações de dor, medo e ira. O entendimento que tivemos é que sem os outros não poderíamos tornar o inconsciente consciente.

Desta forma, chego ao ponto principal da vontade de te escrever, Barbara. Em um ano como o de 2020, em que fomos colocadas diante de tantos acontecimentos, você percebe que somos energias e reagimos a elas. E neste ano tão peculiar, fomos chamadas a lidar com nossas sombras, com nossas dores, com as perdas, com muitos desgastes, ansiedades, medos, isolamento e diversas outras emoções. Não é qualquer coisa. É uma grande coisa.

No final de outubro deste ano, após um e-mail informativo do PPG-CEN, você ingressou no curso I Curso de Formação de Avaliadoras/es para composição das Bancas de Heteroidentificação.

Este curso Básico para membros de Bancas de Heteroidentificação veio no sentido de atender à Resolução CEPE n. 044/2020, de 04 de junho de 2020, que dispõe sobre as Políticas de Ações Afirmativas na Pós-Graduação na Universidade de Brasília - UnB.

Desde que lemos *Memórias da Plantação*, da Grada Kilomba², temos percebido como este assunto está latente em nós. Logo no início do livro, encontramos o tópico: “Cartas da autora à edição brasileira”. Ela diz que escreve para entender sua própria identidade, e em seguida apresenta um glossário expondo uma avalanche de colonialismo das relações de poder e violência na língua portuguesa. Como você sabe, essa desconstrução é necessária, pois estamos ancorados em uma história de violência e desumanização.

A leitura de Grada Kilomba, as problematizações feitas em sala de aula, não foram suficientes. Precisei te levar de volta as suas vivências pessoais com a sua própria identidade. Na página 147 no tópico 12 – *Racismo dentro da família, sobre as classificações coloniais hostis* – morena – mulata – mestiça. A partir do relato de Alícia, te fiz pensar em você. Você é uma mulher considerada “parda” e dos derivados que se seguem – mulata,

2 KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano*. 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

morena, mestiça, cor de jambo, cor de caramelo, não é preta e não é branca. No tópico 21 – *Vindo para a Alemanha* –, a autora traz o relato de Kathleen, que diz: “Eu sei que meus ancestrais são africanas/os, mas isso é tudo.” (p.181) foi pura catarse para você.

O nosso finado avô Paulo, avô paterno (1917 - 2003) era filho de imigrantes italianos. Chegaram aqui em 1890. Sabemos que vieram da região sul da Itália, sabemos qual o porto no Brasil que desembocaram, sabemos quais cidades e onde os nossos conterrâneos Benatti se fixaram. Nossa família por parte de pai sempre cultivou suas origens ítalo-descendentes, e limitaram-se a falar muito alto, brigar por qualquer coisa, consumir demasiadamente vinho, pizza e macarrão. Do outro lado, nem isso tivemos, nunca soubemos muita coisa do outro finado avô, João (1918 - 2000). Conta-se que sua mãe era uma “negra desditosa” e que trabalhando na casa da irmã, engravidou do cunhado aos 12 anos de idade. Deixou o filho à deriva e suicidou-se.

O avô João, como nos contam, foi criado solto e sem origens. Na página 179, a autora fala que o sistema de escravidão não nos permitiu saber de onde nossas famílias vieram ou quem éramos: perdemos nossos nomes e nossas línguas.

No ano passado, o nosso irmão partiu como que em uma via-sacra por sua identidade. Não a de M. - moreno, mulato, mestiço. Mas sim a de ítalo-descendente, buscando reunir documentos para obter a cidadania italiana. De um idioma que não compreendemos e de uma cultura que nos limitamos em cultivar como disse anteriormente, com massas de pizza caseiras, vinho tinto e cannoli.

Te impressionou e irritou a quantidade de documentos colhidos nos cartórios, desde a chegada no porto de Santos-SP, até a ida para Juiz de Fora - MG. O irmão descobriu que nosso bisavô trabalhou como Taquígrafo em São Paulo antes de ir para Minas Gerais, que o primo dele era padre e que a cidade de Andrada - MG, o homenageou botando seu nome em uma rua.

Por outro lado, parte da história do avô materno foi banida, não glorificada e nem enaltecida. Não sabemos nada ou quase nada sobre seus antepassados. Aliás, a cor da pele está em nós, mas essas referências geográficas e históricas foram arrancadas do avô João.

Memórias da Plantação é uma reflexão necessária e essencial para as práticas decoloniais, e quando você viu o e-mail do sobre o I Curso de Formação de Avaliadoras/es para composição das Bancas de Heteroidentificação, fiz você sentir que precisava estar lá. Mais ainda, você lembrou que a mamulengueira Cida Lopes é uma mulher preta e que, na sua dissertação, você mal abordou essa questão. Agora não tem ponta solta, Barbara.

No curso, ao estudar a Lei de Cotas 12.711/12 e a Resolução Cepe n.044/2020 entendemos que foram/são importantes para que pretos/as, quilombolas e indígenas pudessem ter acesso à educação superior. Uma política imprescindível, porque diz respeito à inclusão, ao respeito e ao empoderamento dos direitos dos indivíduos. Cotas e programas sociais contribuem para a melhoria da vida de pretos e pretas e é importante que a sociedade se conscientize da importância de ter políticas ativas para diminuir o peso da desigualdade.

Entenda que o combate ao racismo não é uma luta de pessoas pretas apenas, mas uma responsabilidade social de todos e todas. Enquanto homens e mulheres não-pretos não tomarem consciência de seus privilégios, de seus lugares de fala e se responsabilizar pelo racismo, essa realidade de luta não fará sentido. É isso, Barbara: a educação é o único caminho possível para acabar com as desigualdades sociais.

Este ano de 2020 você percebeu com todos os acontecimentos que ser preto no Brasil é vivenciar cotidianamente o preconceito. Não, não vou deixar você esquecer das mortes do menino Miguel Otávio Santana da Silva e a do João Alberto Silveira Freitas. Muito menos do suicídio do pai da Cida Lopes, o grande Mestre Zé Lopes. Mamulengueiro conhecido, reconhecido, um homem preto, um homem simples que passou a vida inteira se dedicando ao Mamulengo. Enforcou-se em casa, deixando o seu legado do Mamulengo para a mulher, filhas e netas. Decidiu partir sem deixar nenhuma carta, nenhuma explicação.

Que mês foi esse de outubro, hein garota? No dia 21 de outubro, Cida organizou com a ajuda de muitas pessoas e nós nos incluímos nessa, uma homenagem ao pai, que nesse dia completaria 70 anos. Na ocasião, Cida cantou, chorou, mediou o evento convocando no improviso a fala dos que estavam ali presentes: o Mestre Chico Simões, a prof. Izabela Brochado, prof. Adriana Alcure, enfim pessoas que conviveram com o pai da Cida. No final do evento, a Cida leu uma carta que escreveu para o pai. Imagine: uma carta para o pai suicida?! Tinha um bocado de desabafo, hora com raiva, hora agradecida, foi uma carta potente e emocionada.

Compreende, Barbara?! Você está percebendo enfim que aqui é o Planeta Escola? Somos energia e estamos trocando e reagindo a elas. É isso Barbara, aqui no Planeta Escola estamos reagindo as energias e trocando. Você precisa compreender sobre transmutar as energias, tentei falar com você de todo os jeitos.

E acabou que você só conseguiu entender isso com a aula do prof. Dr. Nelson Fernando Inocêncio. Na segunda semana de curso, no dia 4 de novembro, na nossa aula síncrona, após a arguição do professor Nelson Inocêncio, abrimos o debate. Você foi a primeira a perguntar sobre o “Caso Ari”.

O filme *Sob o signo da justiça: a luta pelas cotas na Universidade de Brasília*³, nos revela que no ano de 1998 Arvaldo Lima Alves, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de Brasília (UnB), foi reprovado em uma disciplina obrigatória. Em 20 anos daquele programa de pós-graduação, ele foi o primeiro aluno a ser reprovado. Dois anos após a reprovação, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão forçou o departamento a rever a menção e Arivaldo foi aprovado. O episódio, ficou conhecido como “Caso Ari”, estimulou o orientador de Ari, o professor José Jorge de Carvalho junto a professora Rita Laura Segatto, a elaborarem no ano seguinte a primeira proposta de cotas para estudantes pretos da Universidade de Brasília, embrião do atual sistema.

Sua pergunta foi motivada pela raiva, pela ideia de “cancelamento”. Essa ideia que nasce na internet, o “cancelamento” é um ataque à reputação que ameaça o emprego e os meios de subsistência atuais e futuros do cancelado. Falou para o professor Nelson e para os colegas que a sua pergunta era uma curiosidade sádica. Você queria saber o que aconteceu com o professor racista: Ele foi demitido? Penalizado? Fez um pedido formal de desculpas para o Ari? Redimiou-se publicamente? Sumiu do mapa?

A resposta do professor Nelson reverberou tanto na sua cabeça! Conversei muito com você, porque a resposta do professor Nelson Inocêncio te faz refletir sobre essa necessidade de transmutar as energias. Sobre um tipo de engajamento pacífico que não necessariamente diz respeito à demissão, desligamento ou represália ao professor. É, de novo, sobre algo muito maior.

3 Filme - Sob o signo da justiça: a luta pelas cotas na Universidade de Brasília. Direção: Carlos Henrique Romão e Ernesto Ignácio de Carvalho

O Prof. Nelson nos deu notícias de Ari, e apesar de não termos a dimensão de como essa experiência foi traumática e como marcou a trajetória pessoal, acadêmica e profissional do ex-aluno, sabemos que por conta deste caso, a política de cotas existe até hoje (e continua causando debate). Hoje Ari é professor adjunto de Antropologia da Universidade Estadual da Bahia.

O “Caso Ari” ganhou extensão e como resposta, foram medidas que não beneficiaram diretamente o aluno, mas reverberaram em um segmento de pessoas que há séculos vêm sendo desamparadas e maltratadas. Apesar da dor e dificuldade que Ari viveu, foi algo importante, como um gatilho para mobilizar uma luta muito maior.

Mas eu te faço ficar sempre numa inquietação de uma pergunta/aprendizado: quando sairemos das provas e expiações? E como faz para olhar para as injustiças sem ódio e indignação? O caso Ari fala um bocado sobre isso. Não é sobre demitir/banir/cancelar o professor. Não é sobre o ódio direcionado. E isso não diz respeito só ao racismo. É também sobre o machismo. Tudo isto é sobre uma luta muito maior. E a vida de fato queria te mostrar que é sobre algo muito maior. De novo estavam ali as lições sobre transmutar as energias e entender de verdade o que diz a oração de São Francisco de Assis:

[...] *Onde houver ódio, que eu leve o amor*
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão
Onde houver discórdia, que eu leve a união
Onde houver dúvida, que eu leve a fé
Onde houver erro, que eu leve a verdade
Onde houver desespero, que eu leve a esperança
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria
Onde houver trevas, que eu leve a luz [...]

Assim, Barbara, desviando tremendamente do objeto de estudos do seu doutorado: o Mamulengo, damos esta pequena volta pela Travessia da Vida. Relatando tudo isso, te

lembro que você escreveu no Fórum da disciplina do professor Graça Veloso, citando a seguinte passagem do autor João Guimarães Rosa no livro Grande Sertão: Veredas (1994):

Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver não é muito perigoso? (GUIMARÃES ROSA, 1994, p. 43).

Disse lá no fórum que este livro, Grande Sertão: Veredas, não tem capítulos, mas sim um fluxo contínuo, sem pausa, num único fôlego, igual a vida: “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. (GUIMARÃES ROSA, 1994, p. 86).

Entendeu Barbara, qual é a Travessia de que fala Guimarães Rosa? Me diz se não é sobre Provas e Expições? Me diz se não é sobre Transmutar as energias para alguma coisa muito maior? Vamos nos falando, o.k?!

AUTORES E AUTORAS

Graça Veloso

Ada Luana Rodrigues de Almeida

Adailson Costa dos Santos

Adriana Ferreira Coelho Lodi

Barbara Duarte Benatti

Belister Rocha Paulino

Danilo Henrique Faria Mota

Débora Cristina Sales da Cruz Vieira

Gabriel Coelho Mendonça

kleber damaso bueno

Liubliana Silva Moreira Siqueira

Luciana Maria Rodrigues Gresta

Maria Oliveira Villar de Queiroz



Este livro foi patrocinado pela Chamada Simplificada 02/2020 de Apoio à produção, revisão, tradução, editoração, confecção e publicação de conteúdos científico-acadêmicos e de divulgação das atividades desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

ADA LUANA RODRIGUES DE ALMEIDA - ADRIANA FERREIRA COELHO LODI - BARBARA

MARIA VILLAR DE QUEIROZ

LUCIANA MARIA RODRIGUES GRESTA

DUARTE BENATTI - BELISTER ROCHA PAULINO - DANILLO HENRIQUE FARIA MOTA

GABRIEL MENDONÇA - KLEBER DAMASO BUENO

DEBORA C



ISBN: 978-65-88507-12-4



CDL

6 9786588507124